

A EXPANSÃO DE "A BATALHA"

A vida deste jornal deve ser para os trabalhadores uma questão de todos os momentos. As dificuldades sempre crescentes por que ele tem passado, desde a sua publicação, são de todos conhecidos, para que estejamos a pintá-las a negras cores.

Contudo, *A Batalha* tem mantido altivamente a sua posição em defesa dos direitos dos produtores; na profunda escarpelização de formidáveis escândalos que constituem a razão da existência da sociedade capitalista; advogando e lutando continuamente pelo advento dum sistema social mais justo e igualitário. Ela se manterá assim. E se um dia—hipótese para muitos absurda, tal a dedicação que lhe tributam—viesse a sucumbir, o seu desaparecimento—momentâneo certamente—teria de ser apreciado de maneira sempre honrosa, por nunca se ter vendido um prosternado perante quem quer que fosse.

De cabeça erguida, *A Batalha* tem tratado dos mais palpitantes e graves problemas, com dureza por vezes, mas por uma necessidade inadiável de constante profilaxia social; este jornal tem sido como que o antidoto da classe produtora contra a corrupção moral que infesta a sociedade, envenenando-a.

Todas as podridões que o ambiente deletério da burguesia tem criado e alimentado, para satisfação dos seus inconfessáveis interesses, têm sido fortemente varridas para o monturo da sua procedência. Todos os "trúces", os inúmeros crimes, perpetrados sob os mais subversivos processos, por criaturas de inteligência mas de baixos instintos, até à exploração dos mais tristes quadros de miséria que topamos a cada instante, cujas cores tomam bizarros aspectos de tragédia, dor e opressão, têm sofrido o bisturi da crítica, pondo bem a nu essa hipócrita civilização.

Esta grande limpeza moral, levada à prática de há meia dúzia de anos para cá, não tem sido compreendida, porém, por todos os trabalhadores. Daí, as dificuldades de jornal terem sido sempre aliviadas pelo "esforço" duma minoria, que já suporta um dispêndio grande noutros encargos também indispensáveis, e que de quando em vez são agravados com o auxílio monetário ao seu apreciado jornal.

Esta situação não poderá manter-se indefinidamente. Há que modificá-la, procurando-se-lhe uma solução, para que *A Batalha* dessa maneira possa desenvolver-se, aperfeiçoando-se continuamente.

Os trabalhadores devem ser os primeiros a reconhecer estas necessidades e a obviar os inconvenientes que delas resultam para a vida do jornal. Mesmo, porque os auxílios de momento, e que sobre-arregam uns tantos, não o salvam de contingências difíceis, como a que actualmente atravessa.

A expansibilidade de *A Batalha* não só nas cidades como nos mais recônditos lugares da província, é que lhe proporcionará uma vida mais assegurada, de maneira a poder cumprir ainda melhor a sua missão social, elevando o jornal à categoria dos mais perfeitos, sob o ponto de vista de intenções e de aperfeiçoamento intelectual e moral do povo.

O Conselho Confederal mais uma vez o reconheceu numa das suas últimas reuniões, dando poderes ao Comité e à Comissão Directiva, para que tentem essa expansão, adoptando os meios que acharem convenientes a um resultado breve e eficaz.

E' o que vai fazer-se. Aos seus esforços deverão corresponder os de todos os trabalhadores e nomeadamente o dos militantes da organização que vivem na província.

E' necessário constituir agências em determinados pontos do país, correspondentes noutros, elevar a venda do jornal, divulgá-lo abertamente, etc.

Tudo isso se vai realizar e já se assentou em bases que devem produzir os efeitos desejados. Tudo dependerá da coadjuvação dos elementos mais dedicados.

Este é um dos problemas mais importantes que neste momento deve preocupar todos os que se têm esforçado por este objectivo.

Desde que cada um se convença da necessidade desta acção e a ponha em movimento, os benefícios serão, de facto, os melhores.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O mistério da insurreição chinesa

As potências imperialistas, principalmente a Inglaterra, sentem o seu domínio na China, domínio económico, financeiro e político, irremediavelmente condenado. A insurreição nacionalista é a mais vasta e mais terrível insurreição dos últimos tempos, pois é o despertar sobressaltado de uma nação secularmente adormecida e subjugada.

O mundo assombra-se da convulsão que agita um povo gigantesco, ainda que nesta formidável insurreição se sirvam mais fielmente os interesses de uma nova burguesia do que os sentimentos de uma inextinguível população.

O estrangeiro instalara-se no imenso território chinês com a maior sem-cerimónia e neste movimento de intrusos se destacou, pela sua arrogância e pelo seu egoísmo, o imperialismo britânico.

O regime de concessões, imposto brutalmente pelas potências dominadoras, fez perder todo o carácter de estado independente que a China supunha usufruir.

As coléricas rivalidades entre imperialismos e nacionalismos, as quais agitam o mundo, provocam guerras cruéis, desencadeiam catástrofes, acabaram por sacudir a China apática. Incendiou-se, para nunca mais se apagar, a guerra ao poder estrangeiro.

Saciando a sua rivalidade anti-imperialista, o bolchevismo, cuja única razão de existência se verifica na impulsão que dá ao sectarismo nacionalista, principalmente entre os povos do Oriente, não deixou de animar o exército de Cantão, que já venceu definitivamente as hostes ao serviço do estrangeiro, que mantem em presépio o governo de Pequim, antes intimidado pelas potências, e procura agora repelir o domínio estrangeiro.

A Inglaterra sente a influência da sua implacável inimiga — a Rússia — na guerra que o governo de Cantão lhe move com fereza. E o ódio da Inglaterra para com o governo bolchevista vai ao extremo de interromper, embora não oficialmente, as suas relações diplomáticas com a Rússia, recusando-se a reconhecer o substituto de Krasine na embaixada moscovita em Londres.

Os agentes bolchevistas na China, que Borodin, homem de fama mundial, orienta, tem colhido resultados magníficos nas suas intrigas e instigações. A insurreição nacionalista intimida as grandes potências. A Inglaterra vê-se cada vez mais isolada e cada vez mais ameaçada de um cheque formidável na sua influência sobre os povos asiáticos. A França, o Japão, os Estados Unidos, hesitam em tomar uma atitude, pressentindo, talvez, que será mais conveniente para o seu interesse e para o seu prestígio aguardar oportunidade para ganharem o lugar predominante que a Inglaterra está ameaçada de perder. Nenhuma potência capitalista se dispõe a um concurso ao governo bolchevita; cada potência, concentrando numerosas forças navais nos mares, nos portos e nos rios da China, apenas se preocupa de defender acirradamente os seus interesses.

Os nacionalistas chineses, talvez inspirados pelos russos, limitam-se agora a guerrear a Inglaterra e a hostilizar surdamente as outras potências.

Se a Inglaterra não prevenir a tempo a sua inevitável quebra de influência e domínio na China, a catástrofe, também inevitável, precipitar-se há, precipitando a queda do seu poder. E depois será a Índia que, ganhando audaciosamente com o triunfo da China, não se intimidará mais ante o poder inglês — e o bolchevismo, que presente bem o que deseja, há muito que inculca o ódio anti-britânico no passivo nacionalismo indiano.

A Rússia virar-se há. Mas, no ocaso do domínio britânico, outras sombras se erguerão — o Japão e os Estados Unidos, entre si, poderosos rivais — e o bolchevismo russo continuará sendo uma simples e inigmática expressão nacionalista que se definirá quando se fizer a luz.

O mistério do formidável movimento chinês talvez se possa surpreender na frase de um discutido diplomata bolchevista: — Desde que a Europa nos fechou herméticamente as suas portas, só temos que percorrer o caminho do Oriente...

A guerra civil na Nicarágua

O México define a sua atitude

PARIS, 11. — O ministro do México em Paris publica uma nota nos jornais em que declara serem absolutamente falsas e tendenciosas as informações de Washington segundo as quais o México se imiscuiria nos negócios internos da Nicarágua.

Apenas o México reconhece, como é seu dever, como chefe legítimo daquela República, o sr. Sacasa, eleito dentro da Constituição, ao passo que os Estados Unidos — diz a nota — apoiam ostensivamente um rebelde, o general Díaz, fomentando, assim, a guerra civil em país estrangeiro.

A propósito, o diplomata mexicano alude à situação do seu país, onde reina a normalidade e onde foi possível, apesar de toda a má vontade de certos vizinhos, pôr em execução as leis petrolíferas, embora estas prejudiquem os interesses desses vizinhos. — (L.)

A maçonaria da cruz...

MEXICO, 11. — Os bispos católicos conferenciaram com os pastores protestantes e com o rabi israelita, para tratar da defesa comum dos princípios religiosos.

A epidemia da gripe

Em Barcelona morrem 120 pessoas diariamente

BARCELONA, 11. — Até hoje o número de pessoas sofrendo da epidemia de "influenza" eleva-se a 120.000, falecendo diariamente 120. — (L.)

O FEUDALISMO ALENTEJANO

Os detentores da grande propriedade impedem a cultura do trigo e condenam os rurais à miséria

O *Diário de Lisboa*, aproveitando o espaço que lhe sobejou das muitas e variadas e insistentes e excessivas entrevistas que faz com membros do actual ministério, talvez sem intenção de fazer concorrência ao *Portugal*, órgão oficial da situação, apreciou largamente a falta de trigo existente neste país — neste país «essencialmente agrícola» que nem sequer tem forragens para o gado.

Vamos seguir a par e passo o referido artigo, acrescentando-lhe o que o seu autor deixou ficar no tinteiro e que é, sem modestia o dizemos, aquilo que mais poderia interessar e esclarecer o público.

Diz assim, de entrada, o brilhante diário da noite:

«Portugal tem um deficit de cereais que pesa sobre a economia da nação como um sorvedouro.

Exportamos montes de ouro para que não nos falte o pão.

O egoísmo nacional — o dos lavradores e o dos moageiros — conjugado com a indiferença dos poderes públicos faz com que nós pertençamos ao número dos povos que não têm, ao menos, a garantia de que, na sua mesa, haverá o necessário.»

Isto diz o artigo. Acrescentamos-lhe agora o que falta dizer:

Falta dizer em primeiro lugar, um lugar comum muito estafado, mas muito verdadeiro: o Alentejo é o celeiro do país. Pois o celeiro do país é uma abstracção; existe unicamente no campo das teorias e no das afirmações dos agrónomos. Em pura realidade o celeiro do país não chega quasi a ser o celeiro da própria província, visto que nalguns pontos dela o trigo chega a faltar e o pão é vendido por preços excessivos. Isso dá-se principalmente porque no Alentejo vigora o regime da grande propriedade, restos exacerados dum feudalismo que, embora atenuado, ainda existe. O Alentejo é pertença dalgumas dúzias de grandes lavradores que, por desleixo e egoísmo, não mandam cultivar as grandes extensões de terreno de que são detentores. Esses privilegiados vivem numa grande indiferença pela sorte dos trabalhadores rurais, que rebanam de fome junto às suas terras forçadamente infecundas e propostivamente incultas. Pouco lhes importa que o trigo seja importado e que, devido a isso, os moageiros «encarreguem-se» depois de nos roubar o trigo, dando-nos em troca aquilo que só nos comunicados do órgão da Moagem, o *Diário de Notícias*, se chama — pão...

Passando como gato sobre brasas por cima destas duas verdades — a miséria do rural e o nefasto egoísmo dos lavradores e as nocivas consequências da grande propriedade, o mesmo jornal teve esta frase de retumbante síntese:

«Exportamos homens para ter dinheiro e exportamos dinheiro para importar pão. Exportamos homens — não. Os homens que fogem para não irem parar ao cemitério — e emigram em más condições, acumulados como gado e tratados como gado nos ignóbeis porões dos navios, porões que têm a designação de — terceiras classes... Em segundo lugar não se importa pão, importa-se trigo, o que é diferente. Os moageiros «encarregam-se» depois de nos roubar o trigo, dando-nos em troca aquilo que só nos comunicados do órgão da Moagem, o *Diário de Notícias*, se chama — pão...»

O PROBLEMA FERROVIÁRIO

O valor económico e social dos caminhos de ferro. --- Os interesses das empresas e os do público. --- O tão falado patriotismo dos homens de negócio

São muitos os aspectos por que se poderá encetar esta questão. Neste momento, em que se estão realizando as mais graves e importantes transacções, em que os mais importantes procuram adquirir para o seu grupo os maiores lucros possíveis, mister é que digamos alguma coisa em homenagem aos interesses da colectividade.

Todas as correntes sociais, das mais conservadoras às chamadas radicais; todos os jornais e revistas que no género há, quer em Portugal, quer no estrangeiro, não se cansam de afirmar o valor dos caminhos de ferro, sob o ponto de vista de utilidade pública e desenvolvimento industrial e agrícola de cada país, desenvolvimento tanto maior quanto maior também for a intensificação das suas linhas férreas e o seu aproveitamento se faça com inteligência e no sentido do benefício geral e não de segundões.

Na prática, porém, e ante a realidade dos factos, verifica-se que, pelo contrário, se atende primeiramente aos interesses particulares das empresas que as exploram, do que às necessidades públicas, que só no mínimo são satisfeitas, quando os clamores gerais formam retumbante eco e essas necessidades são consideradas absolutamente indispensáveis.

De facto, os caminhos de ferro não seriam servir para a satisfação de inconfessáveis interesses, mas sim para facilitarem as relações das populações nas suas variantes necessidades, tendo em mira o seu desenvolvimento económico, social e moral. Foi precisamente com esse fim que os caminhos de ferro se constituíram e a sua extensão outro fim também não poderá comportar.

Quando se fala em benefício geral, ele deve considerar-se em toda a sua latitude e nunca onerá-lo em benefício de uns tantos. Há cem anos, quando da constituição dos caminhos de ferro, o que caracterizou sobremaneira foi o acentuado cunho de progresso e de interesse geral que exigiam desse importante melhoramento.

O inter-câmbio de produtos entre as diferentes populações, desde o artigo de alimentação, até ao elemento de elevação moral e intelectual: o livro, o jornal, etc.; o transporte dos mais variados maquinismos para o revolvimento da terra e desenvolvimento da indústria; a higiene, a comodidade, a maior rapidez e conforto para os passageiros; o estabelecimento da mais fraterna convivência entre os povos, deveriam ser os principais motivos dos serviços ferroviários.

E do seu constante aperfeiçoamento e intensificação se constataria, sob o ponto de vista de fomento, o valor de cada país. Mas não é isto o que tem sucedido. Os

tam a fome e os esfomeados que se resignem; embaraçam o Estado e o Estado que se conforme.

O Alentejo é realmente o exemplo mais flagrante de que o direito à propriedade é contrário ao direito à vida. O direito à vida exige — e exige imperiosamente — que dos campos do Alentejo brote o trigo — o trigo que se transforma em pão. O direito à propriedade permite que as terras permaneçam incultas e que a fome domine como soberana terrível duma grande desgraça e duma grande calamidade em toda a província.

O rural alentejano recebe das mãos destes verdadeiros e insolentes senhores feudais, salários de cinco e seis escudos. Estes salários asseguram ao rural, quando trabalha, uma vida de dificuldades, de angústias — de miséria. Quando trabalha; mas isso não acontece normalmente o rural durante a maioria de meses na roda do ano não tem onde ocupar os seus braços. Então a sua situação — é a fome. No tempo das ceifas em que lhe aparecem alguns contratos mais vantajosos para Espanha os lavradores saem da sua região, desertam da sua modorra para barafustarem, para gritarem desesperadamente contra os rurais, no receio de que estes reclamem contra os miseráveis e ignominiosos seis escudos que lhes pagam em troca dum trabalho árduo, exgotante, feito de sol a sol.

E os governos comovem-se e prebem a saída dos rurais para Espanha, alegando que eles fazem falta nas propriedades... que os lavradores não deixam cultivar.

Passando como gato sobre brasas por cima destas duas verdades — a miséria do rural e o nefasto egoísmo dos lavradores e as nocivas consequências da grande propriedade, o mesmo jornal teve esta frase de retumbante síntese:

«Exportamos homens para ter dinheiro e exportamos dinheiro para importar pão. Exportamos homens — não. Os homens que fogem para não irem parar ao cemitério — e emigram em más condições, acumulados como gado e tratados como gado nos ignóbeis porões dos navios, porões que têm a designação de — terceiras classes... Em segundo lugar não se importa pão, importa-se trigo, o que é diferente. Os moageiros «encarregam-se» depois de nos roubar o trigo, dando-nos em troca aquilo que só nos comunicados do órgão da Moagem, o *Diário de Notícias*, se chama — pão...»

A regeneração pelo trabalho

A propósito da inauguração do regime de trabalho nas prisões alguns jornais manifestaram o seu regosijo pelo facto, salientando que desta vez é que se iam regenerar os criminosos.

Não queremos estragar o júbilo exterior desses jornais; tampouco pretendemos negar que a regeneração pelo trabalho não seja profícua. A nossas intenções são mais comezinhas.

Há muito que defendemos o trabalho. E' claro que o não defendemos considerando-o bom apenas para os outros, como se faz em certos banquetes capitalistas à hora em que o álcool dá aos rostos um aspecto congestionado e quasi volátil os cérebros.

Para nós, o trabalho não é uma ideia, uma abstracção de teóricos. E' uma força — a maior força social existente. O trabalho é a principal potência criadora do homem e constitui além do seu maior título de orgulho, a sua mais imperiosa e imprescindível necessidade.

Para que haja o trabalho é necessário que exista o trabalhador. E, defendendo como sempre o temos feito, com denodo, com coragem, com sinceridade as classes trabalhadoras, defendemos a força que elas representam, a força que só elas possuem: o trabalho.

Defendendo o trabalho, defendendo, portanto, o trabalhador, somos inimigos de todos os inimigos do trabalho, de todos os inimigos dos trabalhadores. Mas todos os inimigos do trabalho estão nas prisões?

Ora aqui é que a porca começa a torcer o rabo.

Que o trabalho regenera o homem? — de acordo. Que as sociedades se regenerem pelo trabalho? — sem dúvida.

E como a actual sociedade não se baseia no trabalho, mas sim na exploração do trabalho, logo temos de concluir que ela está degenerada. Essa degeneração social tem-nos preocupado grandemente e a nossa missão tende a fazê-la desaparecer.

Surgem agora os jornais, cheios de júbilo, atacados duma alegria que chegaria a ser idiota se não fosse hipócrita, lá porque numa, duas ou três cadelas de Lisboa, desde anteontem, começaram alguns reclusos trabalhando afanosamente em oficinas improvisadas dum pé para a mão e em condições que ainda havemos de esmiuçar, a-fim-de fazer cólar de vergonha alguns moralistas que de facto o sejam...

No Limoeiro, nas Mónicas e em Monsanto não está a sociedade, estão algumas centenas de reclusos. Não nos consta que a regeneração dalgumas centenas possa fazer a regeneração de toda a sociedade. Porque ficaram os jornais tão contentes com tão comezinha medida que existe há largos anos na maioria dos países, nas sete partidas do mundo?

O trabalho regenera os indivíduos, regenera as sociedades, desde que o seu produto vá parar aos indivíduos que o executaram e à sociedade que é a soma dos indivíduos. Ora o trabalho dá ao trabalhador a miséria e, ao que o explora, a fortuna. Trabalhar é uma coisa, explorar o trabalho é viver à custa dos trabalhadores. Ora a sociedade que é baseada na exploração está nas mãos dos parasitas que são os únicos que sem dispendir o menor esforço tiram o maior — o maior? — o único lucro.

E' claro que é a sociedade que manda trabalhar os presos no Limoeiro.

«Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho...» — o leitor sabe o resto de memória...

MOVIMENTO JUVENIL

A 4.ª aula de militantes realiza-se amanhã

Realiza-se amanhã, principiando às 21 horas, a 4.ª aula de militantes e educação mútua que o Núcleo de Juventudes Sindicistas de Lisboa mantém na sua sede.

O tema em discussão é: «A missão das Juventudes Sindicistas».

Uma greve contra um monopólio

ATENAS, 11. — Foi declarada a greve geral dos «chauffeurs» de auto-ônibus e taxis, como protesto contra a concessão do transporte de passageiros em comum, feita a uma companhia inglesa.

Os socialistas alemães vão participar do governo

BERLIM, 11. — O dr. Curtius aceitou o encargo de organizar governo com elementos dos partidos do centro e o apoio dos nacionalistas.

O partido socialista aprovou a sua participação no governo, por considerar necessário prosseguir na política de paz estabelecida em Locarno e Thoiry.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de famílias a administração de *A Batalha*, casa. Preço 2\$00; pelo correio. 2\$50.

O CARACTER DO SINDICALISMO

Recapitulando e refutando

Ao entrar nesta polémica que eu cuidava ser de grande utilidade e conveniência, por se tratar de esclarecer dúvidas, preocupava-me sobretudo a exposição de ideias com inteira abstracção da personalidade de quem as tratava, o que não seria preciso entrar em causa para avaliar da sua eficiência ou do seu rigor.

Porque somos nós que as perfilhamos e não elas que nos perfilham a nós, embora sejam produto da imaginação humana, sucede que não é a nossa personalidade que sempre, infalivelmente lhe dá o necessário valor de crédito, antes nos acolhem a elas, muita vez, em solicitação de crédito que as nossas intenções ou fraca firmeza de carácter, por duvidosas, não dispensam.

Daf succede dizer-se muitas vezes: «Eu sou isto ou sou aquilo» — como que a pormenor a coberto de críticas que o nosso mérito só por si não suportava, com a certeza inconcusa de que ninguém nos beliscará por respeito às ideias a que nos apegamos.

E é por isso que quando os actos dos indivíduos não correspondem às ideias que perfilham, quando os seus sentimentos e tendências nadas, não se coadunam com a orientação ideológica que dizem seguir, sucede que aquelas sofrem cheque que se evitaria se tivessem o cuidado de não fazerem afirmações do que são e antes deixassem aos outros que os avaliassem.

Por parte do meu ilustre contraditor acérrimo, incansável, persistente, não sucede assim. Entende que é condição primária a qualquer indivíduo, para se avaliar do que ele diz, saber o que ele é, não se contentando com saber o que ele pensa.

Este subterfúgio, que é como que uma estocada a tocher os movimentos, vai muito mal à compostura, ao tino e ponderação de quem quer manter, com elevação, uma polémica de opiniões e de doutrinas, tratando-se duma pessoa inteligente e culta como é o meu preclaro contraditor que, acima de tudo, quer manter seus créditos.

Isto não é desculpa, não é defesa, nada disso; é crítica, porque, ainda não cambaleei nem sequer tergiverso.

Ora isto seria mesquinho e faria rir, se o assunto não fosse sério e grave, se não estivesse em primeiro lugar os interesses do proletariado que eu não exalto, com plavatório tentador e estudado efeito, para se não dizer que faço jogo... Mas ainda havemos de ver quem joga e quem foge ao naípe.

Quere dizer: se começo a discutir doutrinas com alguém, esse alguém propõe-se discutir e aceitar a controvérsia, mas a dado transe, ou por cansaço de imaginação ou falta de argumento e lógica, ladeia, torce e esquiva-se e quando estou mais entusiasmado e aquecido, lança-me um balde de água fria pela cabeça abaixo, para me apagar as ideias, como o sacristão apaga as velas após a missa, jogando-me de chofre esta pergunta:

— Oíça lá, mas quem é você? E' uma forma bizarra, uma forma estravagante, espalhafatosa, de sair da liça incólume, isto é; de sair do campo do combate inicial para meter as mãos no fundo da carcassa, que sinceramente confesso não ser mais perfeita que as outras de tipo normal, a ver se por cá há maselas que se possam mostrar aos circunstantes; e a gargalhar vitória e a pedir alvargias, ouizer, gozando o efeito na estupefacção geral:

— Vinde vê, ó gentes, como isto vai cá por dentro! Pasmade senhores!

Mas isto não vai assim. Mais devagar e com cautela.

Nos quatro artigos da segunda série, a que me estou referindo, tão diversos entre si na linguagem e na essência, facto este para o qual não encontro justificação a não ser atribuindo-lhes as influências do tempo ou da idade do meu contraditor (sem desdouro porque a idade é garantia de respeito), há um jogo de palavras e de sinónimos que bem podiam ser desnecessários se houvesse uma especial preocupação pela matéria, que é o que neste caso importa.

Não obstante, estão escritos com um certo espírito, um certo chiste, que se não fôra isso seriam na verdade muito massadores.

Mas eu, que não sei discutir assim, por não saber fazer espírito e sobretudo porque não está a calhar, tratarei apenas do que interessa.

Insistia-se, por exemplo que se pegou em palavras e períodos dispersos para se discutir, desprezando-se a ideia geral dos respectivos artigos. A pesar-do que se afirma eu fiz precisamente o contrário. Não fiz caso das palavras, desprezei a pontuação, desprezei o estilo e baseei-me apenas nos seus conceitos.

(Continua.)

Gonçalves VIDAL

Notas & Comentários

Equivoco

Vem aí a gripe. Já há pessoas atacadas, segundo referem os jornais. Oficialmente, porém, ainda não foi ninguém atacado de gripe. Em face deste desmentido que tem uma autoridade especial a revestir, as pessoas que têm sido atacadas de gripe têm sido vítimas dum equivoco — equivoco de que também compartilham os médicos que as tratam.

As entidades oficiais essas e que não estão equivocadas.

Fim humanitário

Há dias, ante a de início o seu discurso na Associação Nacional, o sr. Carlos Pereira perguntou ao presidente se a água era fervida. Diante da sua resposta negativa declarou: que só bebia da de Vidago. A outra que a bebam os consumidores. O sr. Carlos Pereira não quer se envenenar porque a sua existência preciosa não deve ser encurtada, tanto mais que ele é consagrado a este fim altamente humanitário: envenenar os consumidores.

RECORTANDO...

No Trabalhador Rural

111

Numa ilha fértil, solitária no meio de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de toda a ilha, proprietária das terras, casas, choupanas, arados, gado, tudo.

Para manter essa família na mandriça e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até à noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol, mal alimentados e mal abrigados, eles, suas mulheres e seus filhos. Só eles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das sementeiras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho, e eram eles que entre si combatiam e distribuíam as tarefas, ajudando-se nas mais duras, dividindo-se nas mais leves e curtas.

Quando aos filhos do patrão, em vez de ajudar, como faziam os filhos e as mulheres dos trabalhadores, vinham estorvar e inquietar as pessoas e estragar as sementeiras. E o proprietário então? Esse não fazia mais do que vigiar os serviços, de mãos atrás das costas, dizendo de vez em quando, todo anco e satisfeito:

— Ah! se não fosse eu, como haviam vocês de viver?

E os pobres homens, muito humildes, respondiam descobrindo-se:

— É verdade, é verdade: se não fosse o patrão, que nos dá o trabalho e nos sustenta, como havia de ser de nós?

Ora um belo dia — belo no começo, feio depois — o proprietário foi com a família toda dar um passeio pelo mar, na sua linda e veloz chalupa. E tendo-se afastado muito da costa, sobreveio um grande temporal, que afundou a embarcação e afogou todos os que nela iam. Dias depois, os trabalhadores, horrorizados, encontraram na praia os cadáveres dos patrões, vomitados pelos vagalhões furiosos.

A princípio, ficaram cheios de aflição e piedade, mas logo se esqueceram. Acostumados a combater e a distribuir entre si as tarefas, ajudando-se nas mais duras, dividindo-se nas mais leves e curtas, os trabalhadores da ilha começaram a lutar, a sementar e a colher, a fiar e a tecer o linho e a lã, a criar o gado, a manejar o arado, a foice e o tear — e a terra continuou a produzir, os rebentos a crescer e a multiplicar-se, o sol a brilhar sobre as searas...

Os trabalhadores não tardaram a reparar que tudo se fazia melhor do que antes, que já não tinham quem os estorvasse e vigiasse, que comiam melhor, andavam mais agasalhados e tinham melhor habitação e que podiam produzir mais e melhor. E por isso, no dia em que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões, quando passeavam sobre o caso e suas consequências, o mais velho disse tudo em poucas palavras:

— Que grandes cavalgadas que nós éramos!

Assim dirão os seus iguais, quando se tiverem livrado dos seus que, longe de serem úteis ou precisos, têm interesses contrários aos seus e aos dos seus irmãos de trabalho.

Os anos querem pagar de salário o menos possível; e vós precisais de vós deixar roubar cada vez menos nos frutos do vosso trabalho — e isso só o conseguis associados, pois separados, desunidos nada podeis.

Os anos têm interesse em haver muitos trabalhadores desunidos e muitos desocupados; para que as soldadas sejam pequenas; e vós precisais de trabalhar todos, e de estar unidos, para não haver quem tenha de aceitar uma cota por qualquer escasso serviço que apareça.

Os anos, para vender caro e com lucro, precisam de reter a produção das coisas, de reter, encalhear, assambarcar os produtos, e até de os deixar apodrecer; e vós queis satisfazer as vossas necessidades. Assim é que há tantos materiais desempregados, quando há tanta gente a sustentar, a vestir e a abrigar e tantos braços desocupados ou mal ocupados.

Vós fazeis como os trabalhadores da ilha; mas não podeis, como eles, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora teréis de a preparar e fazer vós mesmos.

Tu e os teus iguais tendes de vos associar desde já, ainda que não seja senão para resistir à constante ganância dos anos, para estudar e defender os vossos interesses, para conhecer bem o vosso trabalho e as vossas necessidades, assim como o melhor modo de arranjar e combinar o primeiro e de satisfazer as segundas.

E assim, quando tiverdes a força e as capacidades necessárias, com a ajuda indispensável dos vossos irmãos das ilhas, passareis a viver sem anos nem mandriças, e a arranjar tudo por vossas mãos e vossa conta.

Boletim Meteorológico

Situação geral às 18 horas de ontem: Mantém-se a depressão da Islândia 740mm. A baixa barométrica que está afectando as ilhas britânicas tem tendência a deslocar-se para leste em virtude do anticiclone que continua estabelecido entre os Açores e a Biscaia 775mm, sendo assim de supor que aquela baixa não venha afectar sensivelmente a Península.

Pressão em Lisboa: 775mm; norte, 774,5. Temperaturas extremas em Lisboa no dia 11: máxima 17, mínimo 10°.

Tempo previsto em Lisboa no dia 12: Bom tempo. Vento fraco variável, céu de algumas nuvens, temperatura sem alteração.

Notas: Não se receberam os comunicados de Espanha bem como alguns de outras nações da Europa.

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.430-3

Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brui

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta Verde

No largo da Estrela desbarvorou um eléctrico, ficando 9 pessoas feridas

Ontem, cerca das 17 horas, deu-se no largo da Estrela um desastre que podia ter tido consequências trágicas, provocado pelo descarrilamento do eléctrico 524.

O desastre deu-se devido ao mau funcionamento do travão automático do carro, circunstância que o guarda-freio já tinha notado em duas carreiras que anteriormente fizera entre a Avenida e a Estrela.

O carro, que era dos fechados, vinha da rua de Buenos Aires e ao entrar na rua João de Deus ganhou mais velocidade, sendo inúteis os esforços tentados pelo guarda-freio para salvá-lo. O eléctrico saltou fora das linhas por sobre o passeio do largo da Estrela, indo bater, com grande susto dos passageiros que saltavam afilivados gritos, de encontro à nova dependência do hospital da Estrela. As vidraças do posto de socorros estilhaçaram-se, voando os caixilhos com a força do embate.

A frente do eléctrico ficou muito danificada e o tejadilho completamente desfeito. Acidiram logo muitos populares e todo o pessoal de enfermagem do hospital da Estrela.

Ficaram feridos: António de Oliveira, com escoriações; António Vicente Camilo, contusões nos braços e corpo; Manuel Pais Brito, ferido na cabeça com certa gravidade; Ema Seixas e seu filho Manuel António Seixas, com leves contusões; Manuel da Silva e sua mulher Belmira da Silva; Pedro Joaquim de Almeida e o cívico 2154, bastante contusos.

Incêndio num barracão da Estação de Limpeza do Beato

Ontem, pelas 17,30 horas, declarou-se incêndio com violência num barracão amplo, de alvenaria, com 1.º andar, sito na calçada Duque de Lafões, 76, onde a secção de higiene tem instalada a Estação de Limpeza do Beato.

No pavimento térreo existe a casa dos arceiros, palheiro, coqueira e 33 cabeças de gado, e no 1.º andar o dormitório e também palheiro, onde existiam cerca de 300 fardos de palha.

O fogo teve começo no andar térreo, dando pelo incêndio o guarda José de Almeida que imediatamente fez alarme, acudindo mais pessoal ali empregado que aplicou de princípio duas agulhas existentes no edifício. Enquanto o cabo n.º 106 da P. S. P. reclamava os socorros dos bombeiros o pessoal da Abegoria e populares punham a salvo as mueres.

Para o local avançou pessoal e material dos quartéis 1, 2, 5, 8 e 9 voluntários da Ajuda e Lisbonenses. Foram postas a trabalhar duas auto-tanques e uma moto-bomba Magyus, conseguindo-se evitar a destruição do barracão, tendo arido apenas parte dos fardos de palha e causado alguns estragos no 1.º andar.

Notas várias da Lisboa triste

Atropelamento

No Banco do Hospital de São José foi pensado e recolheu a casa José Vicente, de 48 anos, natural da Covilhã, jardineiro e residente na rua Andrade, 46, 2.º, que em São Pedro de Alcantara foi atropelado por um automóvel ficando ferido no rosto.

Ferido com arma caçadeira

Na enfermaria de Santo Onofre, do Hospital de São José, deu ontem entrada Joaquim Antunes Moura, de 33 anos, natural e residente na Ereira (Cartaxo) e que ali, no dia 1.º último, foi agredido por um indivíduo que contra ele disparou uma arma caçadeira, cuja carga o foi atingir no torax e braço esquerdo.

Queda de uma bicicleta

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu para casa, João Camilo dos Santos, de 23 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio e morador na estrada de Monsanto, que caiu de uma bicicleta no largo de Alcântara, ficando ferido no rosto e pernas.

Outros incidentes

Na enfermaria n.º 4, do Hospital de Arroios, deu entrada Edlândia dos Santos, de 63 anos, natural de Alcobaca e residente na rua da Bela Vista, 4, Graça, 31, 2.º, e que ali caiu de sobre um banco, fracturando uma perna.

AGREMIACÕES VARIAS

Vendedores do Mercado da Praça da Figueira. — Refine hoje a assembleia geral desta colectividade, às 20 horas.

Jardins-Escolas João de Deus. — Em conformidade com o artigo 9.º dos Estatutos reúne a assembleia geral desta instituição no próximo domingo, pelas 14 e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª, discussão e aprovação do relatório e contas do ano social findo; 2.ª, eleição dos corpos gerentes; 3.ª, decisão sobre a manutenção dos Jardins-Escolas João de Deus. Não comparecendo número suficiente de sócios, fica desde já feita a 2.ª convocação para domingo, 23 do corrente, à mesma hora.

Grupo do Livre Pensamento França Borges. — Alguns republicanos e liberais da freguesia de São João da Praça tomaram a iniciativa da formação do Grupo do Livre Pensamento França Borges, em homenagem ao saudoso jornalista, fundador do jornal O Mundo.

Teatro Apolo

T. telef. 5319 N.

Companhia Almeida Cruz

HOJE e todas as noites

2 sessões às 8,30 e 10,30

com a espiroscópica opereta

MOURARIA

em 3 actos, original de Lino Ferreira,

S. Tavares e L. Lauer, musicada

pelo maestro P. Duarte.

Protagonista:

Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

Camarotes, 3500; 2000; 1000. Fau-

teus, 900. Cadeiras, 600.

Geral, 2500

AS OBRAS DA "SANTA CASA"

Graves irregularidades cometidas no Hospital de Santo António do Porto

PORTO, 11.—A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico "despilhamento" — intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alóbro de irregularidades, num quasi genulho alcoice de imoralidades.

Para um estabelecimento de caridade digno do maior respeito, devemos confessar que é muito pesada a triste história que se está a desenrolar.

Entre o público circulou um manifesto em que se fazem acusações estrondosas de escândalos revoltantes. Vão desde os amores concupiscentes com as empregadas até aos desvios de géneros e, portanto, de dinheiro, para a casa de quem impera ditatorialmente na Santa casa, péssimamente administrada.

A direcção do Hospital, pretendendo lançar um balde de água fria na impressão profunda que tal manifesto causou no público, fez constar nos jornais que oferece uns três contos a quem descobrir os autores do citado manifesto — três contos, aliás, que possivelmente sairiam do cofre do Hospital, que se destina ao público, mas que muitas vezes lhe é regateado para servir amigos dos directores...

Em vez, porém, de aparecerem denunciantes a apontar os autores do manifesto, tem mais surgido pessoas a atestar a veracidade do conteúdo "manifestativo" que circulou pela cidade. O jornal A Verdade, que também se vem referindo ao vergonhoso caso, afirma-o categoricamente: "Apareceu um manifesto contendo acusações gravíssimas, manifesto que foi largamente distribuído pela cidade, e apareceu uma comissão que tomou a responsabilidade dessas acusações, indo aos jornais garantir a sua autenticidade. Está em cheque a administração da Santa Casa, cujos "regulamentos" a transformaram "num feudo arbitrário, numa palhaçada de truões, onde eles tripudiam, de belfa impante, com as suas momicas miseráveis de tiranos de circo e de pantomima."

"Assim, podemos então acreditar que um certo mesário se tem entretido a vigiar o pessoal com as chamadas "senhas progressivas", a fim de obter uma louça de alumínio; que tem recebido, por intermédio do dispensário Mendes, fornecimentos, à custa do cofre do hospital dos pobres, de frangos, de galinhas e de pescadas inteiras!

Segundo o semanário A Verdade e algumas pessoas que particularmente também nos informaram ser verdade, foi o próprio dispensário Mendes que, altamente, na frente de quem quis ouvir, fez estas acusações ao dito mesário, no momento em que soube que ia ser suspenso e sindicado nos seus actos. Foi ainda devido a isso, e como desquite dos seus pecados, que declarou mais que o actual mesário, "mandava executar na funilaria do hospital certos trabalhos, com material da Misericórdia, que depois eram levados para suas casas" — "regadores e balces com a respectiva pintura artística..."

Seria por isto que os administradores lançaram, na febre impressionista do público, o "balde de água fria" do manifesto, ou antes: dos seus autores?

Não é para admirar, pois, que se diga à boca cheia que dois operários carpinteiros que actualmente se encontram ao serviço do hospital de Santo António, e que se chamam António Pereira da Silva e Domingos Correia, tivessem contado a alguém do pessoal que "o sr. inspector-fiscal Mendonça mandara levar para sua casa um guarda-vestidos que se encontrava no quarto do rev. padre Joaquim Coruche, assim como um guarda-louça de madeira de riga feita por aqueles próprios artistas. O mesário sr. Domingos Correia declarou ter ele sido quem o encaixotou para sair com guias de marcha, para casa do tal Mendonça. Mandado transportar para a Ribeira, ele lá seguiu viagem num "barco rabelo" até casa de sua filha, casada por essa ocasião. Isto há-de haver perto de 3 anos!!

Pergunta-se agora muito naturalmente: "Quais foram os bem-feitores que lhe forneceram a prenda do material executado, trabalhado, pelos carpinteiros pagos pelo cofre da Santa Casa?" Ou seria o tal inspector que, abusando da sua autoridade, pôs e dispôs do que lhe não pertencia?

Vê-se, portanto, que tudo anda à matroca, que tudo corre atropeladamente, e ruinosamente, pela Santa Casa da Misericórdia. E' por isso que ali, efectivamente, não tem sido, como deveria ser, mais largamente misericórdia para a miséria — visto que a têm feito santa em excesso para a imisericórdia dos que pontificam nos teres e haveres do hospital em baralunda.

Vê-se, portanto, que, para efeitos de destituição de responsabilidades e para saneamento moral de uma instituição humana, que mais humanamente será, quanto mais limpa for a sua atmosfera cismasmada de revoltantes imoralidades — se impõe um inquérito, uma sindicância a valer, a sério, livre de brincaadeiras e digna de respeito.

Isto para satisfação pública que tem o direito de saber que trapalhada é essa que vai pelo Hospital, onde o dinheiro dos pobres parece não estar a bom recato. Isto para dignidade de nos todos: Isto para saber se é ou não verdade que um outro illustre mesário "fez com que certos pinheiros, regateados em Inglaterra, fossem comprados pelo hospital", quando não prestavam! Isto para se saber se é ou não verdade que tem havido fornecimentos de carvão, de lenha e outros géneros pela força da empenhosa amizade e não, como deve ser, pela concorrência das propostas mais vantajosas — se é ou não verdade ter-se efectuado obras sem o respectivo concurso como é de bom e económico hábito...

Sim! é indispensável a sindicância feita por criaturas probas, inconcussas, liberais de qualquer compadrio com os possíveis criminosos do Hospital Geral de Santo António — que, moralmente, deve estar sempre francamente arejado e a coberto de quaisquer suspeições de doenças contagiosas que quebrem os músculos, os nervos do corpo económico, financeiro, da Santa Casa da Misericórdia.

Se sermos ouvidos? Será ouvida a cidade? Se não há crime, a própria direcção do hospital deve requerê-lo, evitando dignamente os subterfúgios — esclarecendo, publicamente e razo, todos os mistérios de que se envolveu tristemente... — (C.)

TEATROS

Companhia Sascha Morgowa

Está dando os últimos espectáculos no Teatro Salão Foz, a grande companhia de bailarros russos e divertimentos Sascha Morgowa, que ali tem feito afluir diariamente numerosa concorrência que não se cansa em aplaudir todos os números que lhe são apresentados e que constituem o maior êxito da temporada.

Quadros plásticos, nu artístico, bailarros clássicos e de fantasia, "charlestons", uma série de esculturas reproduzindo as melhores obras dos principais museus do mundo, cenários originais, surpreendentes efeitos de luz, a extraordinária orquestra de "Jazz" "Foz Melody Band" e o sumptuoso "film" em 8 partes "Amor de Pai", eis o esplêndido programa do Foz.

A "Manon" no Coliseu

Hoje, em ante-penúltimo espectáculo, realiza-se, no Coliseu dos Recreios, a despedida do soprano e illustre artista Flora Cristoforetti e do celebre tenor Crisoti Solari, com a única representação, a pedido de um grande número de frequentadores do Coliseu, da bela e inspirada opera "Manon", de Massenet, em que os dois grandes artistas têm admiráveis criações, valendo-lhes o seu magnífico desempenho a maior e mais entusiástica manifestação que se tem feito naquela casa de espectáculos quando ali a cantaram pela primeira vez.

Um belo "Cabaz de Morangos"

Prossigue na sua carreira e sem rival no Eden o "Cabaz de Morangos", a famosa revista ampliada, agora, com dois sensacionais quadros novos, "Fora d'Ígoras" e "A Bala Humana", que estão conquistando enormíssimo êxito. Na actualidade é o Eden que proporciona ao público os mais atraentes espectáculos, que são também os mais baratos no género.

Conchita Uliá no Gimmásio

Não há exemplo de uma tamanha ansiedade no que respeita a um assunto palpitante de teatro. A estreia de Conchita Uliá, hoje no Gimmásio, pode dizer-se que provocou o entusiasmo de toda a gente. Da certeza de que Conchita Uliá vai ter grandes noites de glória e de aplausos e que os seus programas provocarão o maior sucesso. Hoje, mais uma representação neste teatro, da peça de Ramada Curto, "O caso do dia".

"Mouraria" no Apolo

A "Mouraria", tal como na primeira noite, que logo fez a sua reputação e a da Companhia Almeida Cruz, continua sendo a peça da época que decorre, como o Apolo parece ser a casa de um cambista feliz, a quem tivesse saído a talhada do Natal. Hoje mais duas grandiosas sessões.

"O Pé de Salsa" no Avenida

Para que o Avenida tenha hoje mais uma enchente colossal, igual à de todas as noites, não é preciso mais do que dizer que esta noite ali se repete o desopilante e hilaríssimo "vaudeville" "O Pé de Salsa", a única peça deste género que se representa em Lisboa, assim como a única no "vaudeville" e também a companhia Sanelana-Amante, pela qual o público nutre desde há muito as maiores simpatias. "O Pé de Salsa", em pleno triunfo, possui todos os requisitos modernos a justificar o seu enorme sucesso artístico.

Vera Sergine e Ludmilla Pitoeff no São Luís

Está aberta por poucos dias no São Luís a assinatura para os belos espectáculos das grandes companhias francesas de Vera Sergine, a maior actriz parisiense, e Henri Rollan, o primeiro galã da França, e dos célebres artistas Ludmilla Pitoeff, a assombrosa criadora da "Sainte Jeanne", de B. Shaw, que representará em Lisboa, e Georges Pitoeff, o famoso criador do "Poder das Trevas", de Tolstói, que representará em Lisboa, com toda a sua notável companhia francesa e com os mesmos cenários, mobiliário, guarda-roupa, "mise-en-scène" e material do Théâtre des Arts, vindos directamente de Paris.

E' já no próximo dia 15 que no Coliseu dos Recreios se realiza a estreia da Nova Companhia de Circo, um dos mais notáveis conjuntos no género que se tem apresentado entre nós. No elenco da nova companhia vêm vários artistas famosos, levando a causar sensação algumas novidades para Portugal.

Estão quasi concluídos os trabalhos de montagem e de encenação da famosa peça de Guinard "Mulher...", um dos mais recentes sucessos do teatro francês, com que dentro em poucos dias se estreia a Companhia de declamação do teatro de S. Carlos, dirigida pelo talentoso actor Clemente Pinto e de que é primeira figura feminina a eminente e gloriosa actriz Palmira Bastos, cuja repatriação está sendo agendada com viva ansiedade por todo o público.

Está em ensaio, no teatro da Trindade, a peça "O senhor que se segue", para repatriação em Lisboa dos artistas Brunilde Judice da Costa e Leopoldo Froes, que desempenham os principais papeis, acompanhados de Erico Braga e Joaquim Almada.

No teatro do Gimmásio entrou em ensaio de apuro a peça "Condessa Maria", de Luca de Tena, uma das grandes criações da actriz espanhola Maria Guerrero, e que o ano passado constituiu um grande êxito no Teatro de la Princesa, de Madrid.

A "Garçonne" no Trindade

A pesar do histerismo de alguns moralistas bazaros a "Garçonne" continua constituindo um grande êxito teatral. Todos os dias os espectadores, que enchem totalmente o teatro da Trindade, aplaudem com entusiasmo a obra formidável de Vitor Marguerite.

"Sempre fixe" no Maria Vitória

A revista "Sempre Fixe" continua gozando da simpatia do público, devido aos seus numerosos comicos, aos seus cenários, à boa música e ainda à interpretação, que é harmónica e conscienciosa.

"Justiça..." no Nacional

Hoje não há espectáculo e amanhã subi-

TIVOLI

Rua sem Sol

(La Rue Sans Soleil)

em que se apresenta, pela 1.ª vez

em Lisboa, a grande actriz sueca

GRETA GARBO

Noutros papeis principais:

Asta Nielsen, Condessa Esterhazy

e Werner Krauss

Realização de G. W. PABST

Portugal na Califórnia

Documentário da obra dos portugueses

na Califórnia

Revista Cinematográfica

Uma Cine-Farça

Audição especial pela orquestra de direcção do maestro NICOLINO MILANO

A BATALHA na provincia e arredores

Setúbal

Uma atitude revoltante

SETUBAL, 10.—Acaba de chegar ao nosso conhecimento um facto passado na cadeia desta cidade que, pela perfídia que encerra, merece ser relatado e profligado por todos quantos alberguem em si um pouco de generosidade.

Tendo adoecido, na cadeia, um preso de nome Manuel da Silva "O maneta", cujo estado apresentava bastante gravidade, como foi constatado pelo sub-delegado de saúde dr. Fernando Garcia, o delegado do ministério público recusou a sua hospitalização porque, segundo dizia, temia que o preso fugisse.

Ora a atitude do referido delegado só pôde ser classificada de desumana, não havendo razão alguma que justificasse a sua infundada "suspeita", porquanto o dr. Garcia, nas visitas quasi diárias que fazia ao preso, disse que este só poderia melhorar mediante a sua urgente hospitalização.

E, pois, conveniente que o delegado em questão seja um pouco mais humano para com os presos porque estes, embora o sr. delegado não goste muito dos nossos, talvez, pouco amáveis termos, são seus semelhantes, sendo bom que não sejam tratados como feras, tanto mais que alguns estão presos sem motivo justificado ou então devido à péssima organização desta infame sociedade.

Um novo melhoramento

SETUBAL, 10.—A simpática corporação dos Bombeiros Voluntários de Setúbal acabou de inaugurar nesta cidade um carro "de pronto socorro" provido duma excelente auto-bomba "Delayé".

Este importante melhoramento cuja necessidade de há muito se vinha fazendo sentir, deve-se ao esforço dalguns rapazes sócios auxiliares da referida corporação, constituídos em comissão para esse efeito, os quais se houveram com tanta eficiência que conseguiram levar a bom termo o seu espinhoso trabalho.

Sabemos que novas tentativas estão em projecto e que uma vez realizadas muito contribuirão para que o serviço de incêndios seja em Setúbal alguma coisa de importante, como convém a uma terra que como esta tem perto de sessenta mil habitantes.

Oxalá que a direcção e demais componentes da Associação dos Bombeiros Voluntários de Setúbal não esmoreça para que possam continuar registando factos como o presente.—C.

Estudos de oceanografia

Foi criada junto da Direcção Geral da Marinha, uma comissão denominada "Conselho de Estudos de Oceanografia e de Pescas", composta dum presidente, que será o director de Hidrografia e Navegação, e dos vogais: vogal naturalista da Comissão Central de Pescarias, vogal da mesma comissão especializado em conchicultura, professor de hidrografia do curso de engenheiros hidrografos, director das pescarias e, no impedimento deste, o sub-director das pescarias, chefe da missão hidrográfica da Costa de Portugal, naturalista director do Aquário Vasco da Gama (Estação de Biologia Marítima) e um secretário, que será o chefe da 2.ª secção da 1.ª repartição da direcção de Hidrografia e Navegação e Meteorologia, ficando a cargo desta secção todo o expediente da Comissão que terá por fim: Procurar desenvolver e sistematizar todos os estudos de oceanografia e especialmente os destinados ao aperfeiçoamento da pesca; Elaborar os planos de investigações científicas relativas ao mar; Dar instruções às entidades competentes sobre os trabalhos a realizar e métodos a empregar e acompanhar a sua execução; Relacionar-se com quaisquer organizações internacionais destinadas a estudos oceanográficos e de pesca; Dar parecer e propor a acção oficial do governo a quaisquer resoluções de carácter internacional referentes ao estudo do mar, e propor as entidades que devem ser nomeadas como delegados do governo, ou peritos junto das associações ou conselhos a que tenha aderido; Dar instruções aos delegados às conferências onde se trata de assuntos referentes à oceanografia e a pesca e apreciar os seus relatórios; Propor tudo o que se julgue conveniente ao estudo da oceanografia e ao desenvolvimento da pesca.

Os cargos exercidos neste conselho não dão direito à gratificação de acumulação.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Lima" são hoje expedidas malas postais para as ilhas da Madeira e Açores.

Da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências ordinárias faz-se às 7 horas.

Pelo paquete "Ordinária" também seguem malas postais para o Rio do Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires e mais portos do Pacifico, sendo a última tiragem de correspondências às 10 horas.

rá à scena a peça "Justiça...", três actos de grande intensidade dramática, que confirmam as excelentes qualidades teatrais do seu autor, o dr. Ramada Curto.

A última do "Príncipe Orloff" no São Luís

Dá hoje a sua última representação no São Luís a encantadora opereta "Príncipe Orloff" que constitui um grande êxito. Amanhã faz-se "reprise" da opereta de grande espectáculo "Roma Galante". Brevemente estreiar-se-ão neste teatro as companhias francesas de Vera Sergine e Ludmilla Pitoeff.

Às 21 horas

RUA SEM SOL

Drama realista extraído do

romance de Hugo Bettauer

RUA SEM SOL evocando as tragédias que

se deram em Viena, após a guerra, na época

da grande inflação, e em que as especulações

PROPAGANDA SINDICAL

Uma memorável sessão em Monchique

MONCHIQUE, 10. — O Sindicato da Construção Civil promoveu ultimamente uma sessão de propaganda, que esteve bastante concorrida.

Constituída a mesa, tendo como presidente e secretários, respectivamente, Joaquim Anzú Valério, José Joaquim Ferreira e José Damaso, fez uso da palavra o presidente que, em breves mas sinceras palavras, exortou os camaradas presentes a ingressarem no sindicato, demonstrando-lhes quanto é prejudicial a sua desunião.

Em seguida, usou da palavra Avelino dos Reis Valério, que seguiu na mesma ordem de ideias, tendo também apontado as desigualdades que apresentam os salários actuais em relação aos de há dez anos.

Manuel da Silva Campos, delegado da C. G. T., começou por demonstrar quais as melhores armas de combate que o operariado possui para enfrentar os seus exploradores. De entre elas, salientou o sindicato, por ser dentro dele que os operários se podem concertar para a sua integral emancipação. Entrando na análise da vida do rico e do pobre, demonstrou a assistência quanto era miserável a vida dos que tanto produzem em relação à daqueles que nada fazem de tudo têm.

Ao focar o levantamento moral do povo e da criança, demonstra a vida miserável que aquele leva e que, consequentemente, vem reflectir-se na criança. Apontou vários meios para combater a desmoralização do povo, principalmente do trabalhador, destacando a necessidade de se combater os inúmeros vícios que o avassalam, sendo o mais prejudicial o do álcool, que faz com que dê maus exemplos à prole, formando-se assim novos desmoralizados.

Passando a demonstrar a necessidade de se manter em vigor o dia normal de oito horas de trabalho, historicizou os primeiros passos dados pelos trabalhadores para o ultramarino reportando-se ao primeiro de Maio, do qual faz a história, fazendo ver ao operariado que ele é de luta e não de festa, pois que por terem sido sacrificados alguns camaradas, para satisfazer a burguesia norte-americana, o operário deve no primeiro de Maio preparar-se para o combate, reclamando os seus direitos como produtor, e não para festa, indo com esta última atitude de encontro aos desejos dos seus exploradores.

Análise a vida do escravo moderno, faz a história do seu congénere de há vinte séculos e demonstra, com acentuada proficiência, que este, economicamente, era mais livre, pois que o seu senhor não lhe convinha ter o animal com fome, ao passo que o senhor de hoje não se importa que o seu escravo morra de fome, embora este, por vezes, se mostre descontente e reclame mais direitos económicos, os régulos lançam-lhe poeira nos olhos e mesmo na sua frente fazem o "struc" dando-lhe direitos políticos, que não enchem a barriga, e a que eles chamam liberdades que, no fim de contas, reduzem em prisões.

Continua a análise a vida do trabalhador que se degrada por nunca querer enfrentar o patrão a quem considera um ser superior. Em seguida analisa a situação de "A Batalha" perante o operariado organizado, tirando-lhe a força que ela deve ter para combater as podridões desta sociedade corrupta, ao passo que compara os chamados grandes colossos que são, afinal, factores que contribuem para as suas misérias, pois que o seu papel é unicamente defender as poucas vergonhas que os seus "donos" fazem e de que os operários são as eternas vítimas.

João Miranda, delegado da Federação da Construção Civil, começa por demonstrar qual a força das organizações revolucionárias da Construção Civil do país e do resto do mundo. Focou os objectivos da Federação da Construção Civil Portuguesa, que são procurar unir num só baluarte todos os camaradas, para poderem com segurança lançar as bases duma sociedade mais pura e igualitária, onde o trabalhador usufrua os bens morais e materiais que a presente sociedade, à viva força, lhe nega.

Historiou o movimento sobre o horário de trabalho, apontando as inúmeras vítimas que tem feito, merecendo, portanto, da parte do operário mais carinho e oposição a aquele que o coarctar. Demonstrou o que foi a greve da Construção Civil em 1916, greve colossal onde o operariado de Lisboa e arredores, num total de sessenta mil homens, impôs ao patronato e ao próprio governo, o dia normal de oito horas de trabalho.

Focou a ganância do patronato, que não se importa ver morrer de fome crianças inocentes, que não têm culpa de se encontrarem no mundo e tijos pais o mesmo patronato persegue «à outrance», já faltando-lhes com o trabalho, para assim ver-se consegua dominá-los pela fome, já dando-os como terroristas, arranjando para isso uns seres nojentos que se prestam a mentir fazendo com que irmãos seus de sofrimento sejam enclausurados anos e anos, sofrendo torturas sem nome e expandindo crimes que não cometeram, tudo isto, só para satisfação do patronato, que julga, executando tais processos, por um entrave à marcha triunfante dos ideais de emancipação humana.

Termina exortando o operariado da construção civil a fortalecer o seu sindicato e fazendo votos para que, em breve, o mesmo possa considerar-se um dos principais do Algarve, tendo em vista poder agregar a si mais de duzentos sócios que, como um só homem, se imponham pelas suas qualidades e pela sua acção revolucionária.

Por fim usou da palavra o camarada Avelino, que chamou a atenção dos presentes para as ideias expostas e fazendo votos para que elas encontrem eco no trabalhador e muito principalmente no da construção civil. Encerrou-se a sessão com vivas à C. G. T., à Federação da C. Civil e à Batalha.

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

SUCATAS
Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 33 e 40 (ao Conde Barão).
Lede o Suplemento de "A Batalha"

IMPRENSA

«Le Combat Syndicaliste»

Em Paris, iniciou-se a publicação mensal de um órgão da C. G. T. sindicalista revolucionária, recentemente constituída. O novo jornal vem em defesa do sindicalismo revolucionário e tomou o título de «Le Combat Syndicaliste».

O primeiro número, que recebemos, deixa transparecer no seu artigo principal a orientação que seguirá. Dêse artigo extractamos o período mais expressivo:

«Estabelecemos a responsabilidade dos partidos e das suas C. G. T. Diremos que a C. G. T., colaborando com os governos que se têm sucedido, tornou-se responsável da grande miséria que caiu sobre o proletariado. Faremos conhecer igualmente o papel criminoso desempenhado pela C. G. T. U. e pelo seu director espiritual — o partido comunista — nas sciões da classe operária. Isto é a parte menos importante da nossa missão. Herdeiros do espírito revolucionário que animava a C. G. T., antes da guerra, livraremos o combate sem tréguas ao capitalismo, atacando-o incessantemente nos seus órgãos essenciais, com método, vigor e tenacidade. A batalha será rude, porque nós não vemos apenas a necessidade de vencer o capitalismo até destruí-lo, mas indo até que desapareça de todo a autoridade em que se apoia — o Estado».

Este artigo vem assinado pela nova C. G. T., exprimindo, portanto, a acção do novo organismo e do órgão da imprensa.

Ao novo camarada, as nossas saudações e o nosso voto de completo êxito na sua árdua missão.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9500
Madrid cheque	3512	
Paris, cheque	578	
Suiza, cheque	578,5	
Bruxelas cheque	2574	
New-York, cheque	19853	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	3865	
Brasil, cheque	2830	
Praga, cheque	558,2	
Suécia, cheque	5824	
Austria, cheque	2877	
Berlim, cheque	4566	

TEATROS
Nacional. — A's 21. — *Frei Luís de Sousa*.
São Luís. — A's 21. — *O Príncipe Orloff*.
Ginásio. — A's 21.30. — *O caso do dia*.
Trindade. — A's 21.15. — *A Garçon*.
Politeama. — A's 21.30. — *Odinos*.
Avenida. — A's 21.30. — *O pé de salsa*.
Apolo. — A's 20.30 e 22.30. — *A Mouraria*.
Eden. — A's 20.45 e 22.45. — *Cabaz de Mourangos*.
Variedades. — A's 20.30 e 22.30. — *Fruta Verde*.
Maria Vitória. — 20.30 e 22.30. — *Sempre fixa*.
Coliseu. — A's 21. — *Manon*.
Salão Foz. — A's 15 e 20.30. — *Variedades*.
Joaquim de Almeida. — A's 20.30. — *Animatógrafo*.

CINEMAS
Tivoli. — Avenida da Liberdade. — *Olimpia*. — «Matinées» e «soirées» — *Salão Central*. — Praça dos Restauradores. — *Chão Terras*. — Rua António Maria Cardoso. — *Cinema Condes*. — Avenida da Liberdade. — *Pathé Cinema*. — Rua Francisco Sanches. — *Salão Ideal*. — Rua do Loreto. — *Eden Cinema*. — Rua do Alívio (Alcântara). — *Cine Paris*. — Rua Ferreira Borges. — *Alhambra*. — Parque Mayer. (Variedades). — *Salão Lisboa*. — (Mouraria). — *Cine-Expectança*.

SECCÃO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLÓGICAS

Organização Social Sindicalista 3500
Antonelli. — A Rússia bolchevista. 2500
Cura Merlier. — A razão dum padre 500
Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes). 800
Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu. 600
Geo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou. 1500
Gustavo Le Bon. 1500
As primeiras consequências da guerra. 800
Ensinações psicológicas da guerra europeia. 800
Leis psicológicas da evolução dos povos (etc.). 600
Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. 500
Educação e Hereditariedade. 400
Hamou. 400
A conferência da paz e a sua obra 500
As lições da guerra mundial. 800
O movimento operário da Grã-Bretanha. 500
Psicologia do socialista-anarquista 500
A crise do Socialismo. 500
A psicologia do militar profissional. 500
Henrique Leone. — O Sindicalismo. 400
Heliodoro Salgado. 400
O culto da Imaculada. 300
Jean Grave. 300
A sociedade futura. 500
O indivíduo e a sociedade. 400
Joseph J. Ettor. — Unionismo industrial. 500
Julio Guesde. — A lei dos salários. 500
Justus Ebert. — Os I. W. W. na teoria e na prática. 300
Kropotkin. 300
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal 1500
A Grande Revolução (2 vol.). 1000
A moral anarquista. 500
Os bastiões da guerra. 500
O Estado e o seu papel histórico. 500
Lazare. — A Liberdade. 500
N. Lénine. — Os problemas do poder dos Soviéticos. 1500
O Estado e a Revolução. 400
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha. 500
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. 300
Marx. — O Capital. 500
Melchior Inchofer. — Monarquia jesuítica. 300
Nietzsche. 300
Anti-Cristo. 400
Genealogia da moral. 400
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geográficas. 300
Concepção Anarquista do Sindicalismo. 300
A greve dos inquilinos. 1000
Novikov. — A emancipação da mulher. 400
Pataut. — Como faremos a revolução. 400
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários. 1500
Sebastião Faure. — Doze provas da inexistência de Deus. 1500
Temás da Fonseca. — Sermões da Montanha. 1250

A BATALHA
sem consultar
a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa
Travessa do Fala 56, 9-B
TELEF. N. 3415

NORTE 5521 e 5528
São os telefones dos 60 taxis
CITROËN
(Palhinha amarela)
— DA —
Cooperativa Lisboense de Chauffeurs
que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. 500
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofor. 500
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. 1500
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. 1000
A Humanidade, por Taraf Javali. 1500
O Abortamento, pelo Dr. Conteymon e I. Budin. 2500
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchow. 2500
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2ª série. 2500
O Mitrismo, pelo prof. Almeida. 2500
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. 3000
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. 3500
A Filologia perante a História, por Nobre Braga. 5000
Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho. 3000
O que é o socialismo, por E. Soisson. 1500
Os direitos do Estado, por A. Levisse. 2500
O corpo humano, por A. Levisse. 2500
Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux. 1500
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira. 2500
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira. 1500
O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas. 3500

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais
Algebra elementar. 1300
Aritmética prática. 1500
Desenho linear geométrico. 1200
Elementos de electricidade. 3000
Elementos de física. 1200
Elementos de mecânica. 1200
Elementos de modelação. 1200
Elementos de projecções. 1600
Elementos de química. 1200
Geometria plana e no espaço. 1300
Fabricação de tecidos. 1300
Mecânica
Torneiro e Frezador mecânicos. 1500
Desenho de máquinas. 2500
Material agrícola. 1300
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor. 1300
Problemas de máquinas. 1600
Construção Civil
Acabamentos das construções. 1600
Alvenaria e Cantaria. 1300
Edificações. 1300
Encanamentos e salubridade das habitações. 1300
Materiais de construção. 2000
Terraplenagens e alioscos. 1300
Trabalhos de Carpintaria. 1600
Diversas indústrias
Condutor de Máquinas. 2000
Fogoeiro. 1600
Formador e estucador. 1200
Fundidor. 1300
Pilagem. 1600
Indústria alimentar. 1200
Indústria do vidro. 1200
Manuais de ofícios
Galvanoplastia. 1800
Motores de explosão. 2000
Navegante. 1600
Cimento armado. 2500

FATOS
A 220500 feitos por medida em boas camisas. Recebem-se fatos a feitio e forros por 120500. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V. 86.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353
Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso. A's 5 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Viller. 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães. 10 horas.
Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo. 11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff. 9 horas.
Doenças doentes — Dr. Mário de Matos. 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira. 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo. 3 horas.
Doenças das mulheres — Dr. Emilio Palma. 2 horas.
Tratamento de diabete — Dr. Ernesto Roma. 5 horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima. 10 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo. 1 hora.
Raios X — Dr. Alim Saldaña. 4 horas.
Análise — Dr. Gabriel Bento. 1 hora.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 37 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkimof. Preço 1500.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.
A venda nas livrarias na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

A EPOPEIA DO TRABALHO

Por —
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre
Espéssimo livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, ácobrança, de 7500.
Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, rua dos Poais de S. Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combato, 33-A, 2.ª — Lisboa — Portugal.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonson, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45500.

Encadernação (por capas e índice) 20500.
Capas e índice em separado, 15500.
Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

História Universal do Proletariado

«Vinte séculos de opressão capitalista»
Esta publicação em língua espanhola que encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentado e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.
Cada fascículo de 48 páginas, (800) pto. cto. registo, 1850.
Estão publicados os seguintes fascículos:
1.º — A era da escravidão;
2.º — A rebelião de Espartaco;
3.º — A abolição da escravidão;
4.º — A abjeção e servidão;
5.º — A revolução dos servos;
6.º — A miséria dos agricultores;
7.º — Transformação do Poder Fudal;
8.º — O comunismo cristão;
9.º — Os miseráveis em la Edm Média;
10.º — A liberdade ilusória;
11.º — A agonia do absolutismo;
12.º — O trabalho motor universal;
13.º — El imperio de la guilhotina;
14.º — Las ideas sociales y la revolucion francesa;
15.º — Los primeros tiempos del salariado;
16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
17.º — Las crueldades de la burguesia republicana;
18.º — Los héroes de la Comuna;
19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
20.º — La Republica Española y la classe obrera;
21.º — La Primera Internacional;
22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
24.º — Pi y Morigall confunde a los enemigos del socialismo;
25.º — Los precursores del Proletariado moderno.
26.º — Crueldades burguesas;
27.º — Los mártires de Chicago;
28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;
29.º — El proletariado en América;
30.º — Los dictadores mejicanos.

Na 23 do corrente, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.
As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns Gerais da Divisão do Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.
O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.
Lisboa, 3 de Janeiro de 1927.
O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita,

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sepatos para senhora. 5000
Sepatos em veraiz. 5000
Botas pretas (grande salto). 5000
Botas brancas (pequeno salto). 5000
Grande salto de botas pretas. 5000
Botas de couro para homem. 5000
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa. A Social Operaria encontra-se na Rua da Fátima, 12-14, com Filipe na mezanina, de 4.ª

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Fermo Ferreira Pinto da Foz, na rua da República, 132.

Livraria de A BATALHA

OBRA DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO
Abel Botelho — Amãnhã. 16500
Alexandre Hercolano. 18500
Lendas e Narrativas (2 volumes). 18500
Cartas (2 volumes). 18500
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.). 27500
Adolfo Lima. 10500
Contracto do Trabalho. 10500
Educação e ensino. 5500
O ensino da história. 1550
Aquilino Ribeiro. 3500
Anatole France. 10500
Entrada de São Tiago. 10500
Jardim das Tormentas. 10500
Via Sinuosa. 10500
As Filhas da Babilónia. 10500
Terras do Demo. 10500
Augusto Machado — Impossível redenção (novela). 25
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados). 10500
Bento Faria. — Missa nova (teatro em verso). 2500
Biret-Sanglé — A loucura de Jesus. 4500
Buckner. — O homem segundo a ciência. 12500
Charles Darwin — Origem das espécies. 14500
Campos Lima. 12500
O Estado e a evolução do Direito. 5500
O Amor e a Vida. 2500
Céa dos Pobres. 2500
A Revolução em Portugal. 6500
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela). 25
Duarte Lopes. — Frei Sangué. 5500
Epa de Queiroz. 18500
O crime do Padre Amaro. 15500
O primo Basílio. 8500
O Mandarim. 28500
O Religião. 15500
A Cidade e as Serras. 12500
Fradique Mendes. 9500
Casa Ramires. 15500
Prosas Bárbaras. 10500
Ecos de Paris. 9500
Cartas Familiares. 9500
Cartas de Inglaterra. 9500
Minas de Salomão. 9500
Notas Contemporâneas. 15500
Últimas páginas. 15500
Contos. 15500
Ernesto Haackel. 20500
História da Criação. 5000
Origem do Homem. 14500
Os enigmas do Universo. 4500
Monismo. 6500
Religião e evolução. 6500
As maravilhas da vida. 14500
Faguet. — Iniciação filosófica. 5500
Iniciação literária. 10500
Faria de Vasconcelos. 5500
Problemas escolares. 5500
Por terras de além mar. 5500
Ferreira de Castro. 2550
Sangue Negro. 8500
Saudes de Lirismo e de Amor. 6500
A Peregrinação do Mundo Novo. 8500
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esfinge. 8500
Flamarion. 5500
Iniciação astronómica. 5500
Contos de luar. 5500
Como acabará o mundo? 7500
Os habitantes dos outros mundos. 4500
Felix le Dantec. — As influências ancestrais. 10500
Fialho de Almeida. 10500
Lisboa Galante. 9500
Estâncias de Arte e Saúde. 9500
Figuras de destaque. 9500
Actores e Autores. 9500
Contos. 9500
A Esquina. 9500
Aves Migradoras. 9500
Barbican. 9500
Cidade do Vício. 9500
Pasquinadas. 10500
País das Uvas. 9500
Saibam quantos. 9500
Vida errante. 9500
Vida íronica. 9500
Guerra Junqueira. — A morte de D. João Musa em férias. 9500
Os Simples. 7500
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo). 14500
Brochada. 10500
Gorki. — Os Degenerados. 4500
Os Vagabundos. 4500
Na Prisão. 2550
Ibsen. — Espectros. 4500
Casa de bonecas. 5500
Jaquinet. — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão. — Adão e Eva (teatro). 5500
José Benedy. — A ciência redentora (novela). 25
Jesus Pelixoto. — O mestre geral (novela). 25

Jorge Teixeira. — Catunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro). 2550
Juliano Quintinha. 8500
Visinhos do Mar. 8500
Cavaleiro do Sonho. 8500
Terras de Fogo. 8500
Dor vitoriosa (novela). 8500
Laisant. — Iniciação matemática. 5500
Malvert. — Ciências e Religião. 10500
Mário Domingues. — Hugo, o pintor (novela). 25
Anastácio José (idem). 25
Manuel Ribeiro. 25
Poder redentor (novela). 25
Mirbeau. — O Jardim dos Suplícios. 4500
Nogueira de Brito. 15500
I-Memórias de Angela Pinto. 15500
Sangue Fidalgo (novela). 25
Não, diz a Lei (novela). 25
Pargame. — Origem da vida. 8500
Oliveira Martins. 15500
Helenismo e a Civilização Cristã. 15500
História da Civilização ibérica. 15500
História da República Romana (2 volumes). 30500
História de Portugal (2 vol.). 30500
Raças Humanas (2 vol.). 30500
O Brasil e as Colónias Portuguesas. 15500
Cartas Peninsulares. 15500
Sistema dos mitos e fidejões religiosos. 15500
Orlando Marga. 6500
Águas claras. 1500
Imagens de Sonho. 1500
Raul Brandão. 10500
Os Pescadores. 10500
Os Pobres. 10500
O Teatro. 8500
Spencer. — Da Educação (br. 5500) eno. 8550
Sobral de Campos. — Dois tristes (novela). 25
Tolstoi. — A sonata de Kreutzer. 4500
Ana Karenine (3 vol.). 15500
Toulouse. — Como se deve educar o espírito. 4500
Wenceslau de Moraes. 12500
Dai-Nippon. 10500
Victor Hugo. 10500
França e Bélgica. 15500
O Reno (2 v.). 40500
Os Miseráveis (2 grossos volumes). 40500
Zola. 12500
A Taberna. 5500
Tereza Raquin. 5500
Alegria de viver (2 vol.). 8500
A conquista de Plassans, (2 vol.) 8500
Fecundidade. 20500
A fortuna dos Rougons, (2 vol.). 8500
Uma página de amor. 9500
Dr. Pascal. 8500

FOLHETOS
Ensaio Real. — Anarquia e a igreja. 1500
A Evolução legal e a anarquia. 300
Gonçalves Correia. — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura. 500
José Prat. — A burguesia e o proletariado. 500
A necessidade da Associação. 500
Content. — Contra o confusãoismo. 300
Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social). 500
Ernesto da Silva. — Teatro livre. 300
Landauer. — Social Democracia. 300
R. Mota. — O princípio do fim. 300
J. Mota. — A maçonaria e o proletariado. 300
João P. do Rio. 500
Definições sociais. 500
Horas anárquicas (versos). 500
Trovas da Noite. 1500
Roberto, o pescador. 1500
Memórias do Parque de São João do Forte. 1500
Carnet de Pensamento. 250
J. Bakunine. — O sentido em que os anarquistas. 500
Chueca. — Como não ser anarquista. 500
Lazare. — A Liberdade. 500
B. Elvira. — A minha defesa. 500
J. Kropotkin. 300
Os bastiões da guerra. 300
Moral anarquista. 500
O espírito revolucionário. 1500
J. Guedes. — Lei dos Salários. 350
Briand. — A greve geral. 350
Reland. — Rússia Nova. 350
O sindicalismo e os intelectuais. 350
D. Carvalho. — A gestão sindical no período revolucionário. 500
A. Hamou. — A crise do socialismo. 500
J. Santos. — A transformação da sociedade. 500
Neno Vasco. 300
Georgicas. 1500
Greve de inquilinos, teatro. 1500
Proletariado Histórico. 1500
G. Arkimof. — A Revolução social e o Sindicalismo. 500
Carlos Rates. — A ditadura do proletariado. 1500
Emilio Chapelier. — Porque não creio em Deus. 1500
Rodolfo Rocker. — O sindicalismo revoluc. e a organização operária. 1500

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

MATERIAL E TRACÇÃO — ARMAZEN

Fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação

No dia 23 do corrente, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.
As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns Gerais da Divisão do Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.
O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.
Lisboa, 3 de Janeiro de 1927.
O Director Geral da Companhia
(a) Ferreira de Mesquita,

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sepatos para senhora. 5000
Sepatos em veraiz. 5000
Botas pretas (grande salto). 5000
Botas brancas (pequeno salto). 5000
Grande salto de botas pretas. 5000
Botas de couro para homem. 5000
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa. A Social Operaria encontra-se na Rua da Fátima, 12-14, com Filipe na mezanina, de 4.ª

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Fermo Ferreira Pinto da Foz, na rua da República, 132.

Gaminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Previdência do Ferro-viário do Sul e Sueste (Estatutos aprovados pelo decreto n.º 15,558, de 14 de Setembro de 1925)

SEDE: Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 63



SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Os fundamentos de uma nova organização central francesa

Foi na tarde de 15 de Novembro que se efectuou a segunda sessão do congresso dos sindicatos autónomos de França. Ao iniciar-se a sessão, numerosos delegados pediram que o debate em volta da pretendida constituição de uma nova C. G. T. fosse encurtado.

Com este fim, Huart, da comissão organizadora do congresso, expoz o critério defensivo da fundação de um novo organismo central.

Boudoux fez, então, uma análise à situação. afirmou, dirigindo-se a Guigui, que a hora era imprópria de pessimismo, tanto que no local se reuniam muitos homens animados do mesmo ideal. Fez uma calorosa exortação a que houvesse confiança e vontade, não se esquecendo as lições do passado.

O orador contestou depois Bastien com o argumento de que a experiência tinha sido longa e ela condenara irremissivelmente a autonomia. Não se vai começar uma casa pelo telhado mas, de contrário, procura-se fundá-la sobre uma base sólida, inquebrantável. Essa base só poderá ser a C. G. T. revolucionária que o congresso constitui.

Vários delegados propuseram que se aprovasse em princípio a constituição de uma nova C. G. T. e se nomeasse já uma comissão de exame ao projecto de estatutos e também aos estatutos da A. I. T.

Constituiu a comissão pelos delegados Jouve, Garros, Demonsais, Bastien e Huart, retomou-se a discussão sobre a nova central.

Huart respondeu aos oradores que se manifestavam com reservas. O nome da nova organização não influirá na sua marcha, pois um organismo confederal pode ser bom ou mau conforme se souber fazê-lo funcionar. Numa época em que o capitalismo se desenvolve industrialmente, não se pode dispensar a criação de Federações, mas bastará limitá-las ao seu papel de documentação para que se conjure todo o perigo.

Ainda não é tarde para se fazer alguma coisa, continuou dizendo. Perdeu-se infelizmente muito tempo, mas não há uma razão para se abandonar a luta. O Sindicalismo só abrirá falência se continuar o actual estado de coisas. Faltam bons elementos porque os melhores vivem afastados e desgostosos. As causas apontadas justamente por Guigui residem nas hesitações dos chefes sindicais das duas C. G. T.

A FISCALIZAÇÃO DAS CORTIÇAS

A Federação Corticeira Nacional representou ao governador civil de Lisboa sobre o assunto

Os industriais corticeiros nunca aplaudiram a ideia da fiscalização das cortiças. Os motivos não são de difícil compreensão: desde que se conhece os seus intuitos exploradores.

Apesar de não terem conseguido os seus intentos os referidos industriais não desistiram, procurando por todas as formas que seja extinta essa fiscalização. Tais foram as patranhas que dirigiram ao ministro das Finanças, que este acaba de, por via dos governadores civis, consultar os sindicatos operários da indústria da cortiça sobre a conservação, modificação ou extinção da fiscalização das cortiças.

Como o assunto é de ordem geral a Federação Corticeira Nacional, numa das reuniões do Conselho Federal, ocupou-se do assunto, estabelecendo os seguintes pontos de vista:

«Que se conservem todas as medidas tomadas de protecção à indústria corticeira levadas a efeito pelos governos anteriores, por se reconhecer que o pequeno desenvolvimento que a indústria tem se deve à referida protecção.

Que se criem mais três circunscrições de fiscalização das cortiças: uma em Alameda — visto existirem ali muitas fábricas e ao fiscal do Barreiro se tornar impossível uma fiscalização regular — outra em Grândola — em virtude de ali haver dezoito fábricas — e tornar-se impossível ao fiscal de Sines a fiscalização — e outra em Lisboa (Oriental) devido ao grande número de fábricas existentes.

Que sejam extintas as circunscrições de Santarém e Alcácer do Sal, ficando o fiscal da circunscrição de Abrantes com o encargo de fiscalizar a cortiça que aparece na área de Santarém. A área de Alcácer do Sal será fiscalizada pela circunscrição de Grândola como em cima se preconiza.

Que não seja autorizado o corte da cortiça das árvores com menos de dez anos a-lim-de não assistirmos em breve ao desaparecimento duma das principais indústrias do país.

Que imediatamente seja impedido o corte de sobreiros que estão em condições de produzir cortiça.

E que os fiscais seja atribuída a missão de fiscalizar e fazer cumprir a lei que regula o trabalho das mulheres e menores nas fábricas e a lei que regula as oito horas de trabalho.

De harmonia com estas resoluções, a Federação Corticeira entregou ontem ao governador civil de Lisboa uma representação contendo estes pontos de vista, que são a síntese das aspirações de todos os corticeiros do país.

Aos sindicatos da indústria aconselha a Federação Corticeira a responderem imediatamente à circular do governador civil e nos termos que mais se harmonizem com o espírito da organização sindical corticeira.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidária

CONSULTAS JURÍDICAS

O dr. Sobral de Campos dará hoje, pelas 21 horas, consulta aos trabalhadores confederados mediante a apresentação da cadereta confederal de sindicato.

QUESTÕES DE ACTUALIDADE

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

De Malthus para cá, os conservadores de todas as escolas têm sustentado que a miséria não deriva da injusta distribuição da riqueza, mas da limitada produtividade ou da deficiente indústria humana.

E' certo que a produção em geral e sobretudo a das coisas de primeira necessidade é escassa, insuficiente, quasi ridiculamente pequena perante o que deveria e poderia ser.

O faminto que passa em frente dos grandes armazéns abarrotados de géneros alimentícios, aquele que de tudo carece e vê os esforços feitos pelos comerciantes para venderem a mercadoria abundante de mais para os pedidos do público, podem pensar que há produtos em abundância e que só lhes faltam meios para os poderem comprar. Anarquistas, ludistas pelas cifras mais ou menos cabalísticas nas estatísticas e talvez ainda para terem na propaganda um argumento impressionante e de fácil compreensão para as massas ignorantes, puderam sustentar que a produção efectiva excede em muito todas as necessidades racionais, e que bastaria que o povo se apossasse dela para que todos pudessem viver na abundância. E o facto de se darem crises chamadas de sobreprodução (quer dizer, o trabalho que falta porque os patrões não conseguem vender os produtos que acumularam) ajuda a confirmar na mente da grande maioria essas impressões superficiais.

Mas um pouco de crítica fria faz logo compreender que essa pretensa grande riqueza deve ser uma ilusão.

O que é consumido pela grande massa do povo é insuficiente para satisfazer as mais elementares necessidades: a imensa maioria dos homens come pouco e mal, anda mal vestida, está mal alojada, mal provida de tudo; muitos morrem mesmo de fome e de frio. Se na verdade se produzisse o bastante para todos, visto que o maior número não consome o suficiente, onde se amontoariam então as sobras anuais da produção? E porque inconcebível aberração os capitalistas, que fazem produzir para vender e ganhar, continuariam a fazer produzir o que não podem vender?

Pela concorrência que os capitalistas fazem uns aos outros e pela ignorância em que está cada um da quantidade de produtos que os outros podem num dado momento pôr no mercado, pelo espírito de especulação, pela avidez do lucro e por erros de previsão pode acontecer, e muito frequentemente acontece, sobretudo nas indústrias manufatureiras onde é mais elástico o poder produtivo, que se produza mais do que aquilo que é pedido num dado momento; mas cedo vem a crise, a suspensão de trabalho a restabelecer o equilíbrio — e afinal, normalmente, só se produz o que se consome. E' o consumo que governa a produção e não o contrário.

De mais, em matéria de produtos alimentares, que são os de mais vital importância, basta ver que terríveis consequências produzem nos países agrícolas uma colheita perdida, para ficar convencido de que, comendo mal como uma grande massa, apenas se produz o bastante para ir vivendo de ano para ano.

Se a totalidade da riqueza produzida anualmente, mais de metade da qual vai hoje para o pequeno número de capitalistas, fosse igualmente distribuída entre todos, a condição do trabalhador pouco melhor ficaria: e ainda, o seu quinhão não aumentaria nas coisas necessárias mas em mil milhas.

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

Errico MALATESTA

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, prosseguindo na discussão da seguinte ordem dos trabalhos:

Parecer sobre a redução da cota confederal.

Parecer sobre a propaganda confederal, pela provincia.

Officio da C. S. T. de Lisboa, sobre a convocação do Congresso Confederal Extraordinário.

C. S. T.

Reúne hoje, às 21 horas, a comissão administrativa.

Amanhã reúne o conselho de delegados.

Comunicações

Compositores Tipográficos.—Reuniram-se ontem em assembleia geral sob a presidência de Alexandre Vieira, secretário por Raúl Tóres e António de Carvalho.

Em primeiro lugar procedeu-se à nomeação dos corpos gerentes para o presente ano que deu o seguinte resultado:

Direcção: secretário arquista, António da Fonseca Pereira; secretário correspondente, Pio Leoncio Correia Guerreiro; tesoureiro, Manuel Maria da Cunha; relator, José Ribeiro; vogais efectivos, António Santos, Tomás de Aquino e António de Carvalho; vogais suplentes, António Carlos Pires, Leão Gaspar Coelho e Manuel António Guedes. Assembleia geral: efectivos, Mário Rosa e Germinal de Sousa; substitutos, Carlos Fernandes e José da Costa Caseiro. Conselho fiscal: efectivos, António de Pádua José Barbosa, Artur Felismino e António Lopes de Carvalho; substitutos, Alexandre Ramos, António de Oliveira Filipe e Luís Silva. Delegados à Federação do Livro, do Jornal e Similares, Carlos José de Sousa e Francisco de Sousa. Delegados à Câmara Sindical do Trabalho, José Silva, Luís Gomes Adão e José Augusto Machado.

Em seguida apreciou-se a crise de trabalho e a situação dos desempregados, sendo aprovada a seguinte moção:

«Considerando: que a crise de trabalho que a classe dos Compositores Tipográficos de há longos meses atravessa é uma consequência do mau estado financeiro do país, da usura dos burgueses e também do regime de censura prévia que há bastante tempo existe, sem motivos que a justifique actualmente; que a classe dos Compositores Tipográficos tem, por várias vezes, prestado auxílio monetário a muitos dos seus componentes que têm estado sem trabalho, nunca tendo os vários governos da nação dispensado a mínima atenção para livrar da miséria os desempregados; e que, neste momento, qualquer contribuição que seja pedida à nossa classe para minorar a situação dos colegas que lutam com a falta de trabalho não dará os resultados desejados, atendendo à grande carestia da vida e ainda ao facto de serem frequentes os pedidos de solidariedade—A Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, reunida em assembleia geral no dia 11-1-1927, resolve: 1.º que seja nomeada uma comissão para reclamar do governo providências imediatas no sentido de ser debelada ou pelo menos atenuada a crise de trabalho na classe; 2.º que a mesma comissão fique com plenos poderes para, independentemente das reclamações a fazer ao governo, lançar um apelo à classe, quando o julgar conveniente e de acordo com a direcção, a-fim-de serem auxiliados aqueles colegas que em piores circunstâncias se encontrem; 3.º que as reclamações a fazer aos poderes públicos sejam as mesmas que o nosso sindicato levou ao Congresso da C. S. T. de Lisboa.»

Para a comissão proposta foram nomeados Tomás Teixeira de Miranda, António Rodrigues de Carvalho e um membro da direcção.

Foi lida uma carta de Adriano Vilar sobre o conflito que deu origem à sua suspensão de sócio, e pedindo a aplicação dos artigos 37.º e 38.º dos estatutos, o que a assembleia aprovou depois de alguma discussão.

Por último, depois dum membro da direcção ter explicado sucintamente os inconvenientes do actual momento para as classes que vivem do trabalho do jornal foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando: que a recente condenação do jornalista Félix Correia veio confirmar a razão que tinham as classes que vivem do livro e do jornal quando a seu tempo protestaram contra a nova lei de imprensa; que a mesma lei, além de extremamente violenta, tem efeitos retroactivos, o que não é dos usos e costumes do país; a assembleia geral da classe dos Compositores Tipográficos, reunida em 11-1-1927, resolve: 1.º protestar contra a condenação da primeira vítima da nova lei de imprensa; 2.º dar a sua adesão moral e material a qualquer movimento que tenha por fim conseguir a revogação da referida lei e bem assim a supressão da censura prévia, por serem altamente prejudiciais aos interesses morais e materiais da classe gráfica.»

Sindicato dos Profissionais da Imprensa.—A comissão de revalidação de «carteiras de identidade» recebe até ao próximo dia 15 as requisições para a concessão da mesma, data em que termina a recepção de novas requisições.

A revalidação das antigas carteiras, far-se-á todos os dias na sede do Sindicato, das 18 horas em diante.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Conselho de Secções.—Por resoluções tomadas ontem em reunião deste Conselho e dos delegados das Comissões Administrativas das Secções profissionais, continuam hoje no exercício das suas funções os pedreiros e serventes das obras do novo Manicó.

Foi também nomeada uma Comissão da qual faz parte um pedreiro e um servente do Manicó e que, juntamente com um delegado do Conselho de Secções, procurará averiguar da veracidade das acusações feitas a um camarada pedreiro e apresentará, numa próxima reunião do referido Conselho, um relatório circunstanciado sobre o assunto que interessam as classes em referência.

Convocações

REUNEM HOJE:

Sindicato da Construção Civil.—Secção Sindical do Beato e Olivais.—Para conhecimento de vários assuntos, são convocados todos os sócios a assistirem à assembleia geral que se efectua pelas 20 horas.

Conselho Técnico.—Pelas 20 horas, o conselho de delegados.

Fragateiros do Porto de Lisboa.—A assembleia geral, pelas 9 horas da manhã.

Encadernadores e Anexos.—Pelas 21 horas, a nova comissão administrativa, pedindo-se aos que ainda não tomaram posse, a sua comparecência à sessão de hoje.

Empregados de Hotéis e Restaurantes.—A's 22 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apresentação do relatório e contas da direcção referente ao ano findo; 2.º Eleição dos corpos gerentes para o corrente ano; 3.º Outros assuntos de interesse para a classe.

Sindicatos da provincia

Construção Civil de Tires e arredores.—Reuniu a assembleia geral da Caixa de Auxílio na Doença.

Foi presente o relatório moral e financeiro, o qual foi aprovado.

Procedeu-se depois à eleição da direcção e mesa da assembleia geral para o ano de 1927, sendo eleitos os seguintes camaradas: secretário geral, Joaquim Emiliano; secretário adjunto, Manoel Moreira Sabido; tesoureiro, Severino Gaspar; vogais, Joaquim dos Santos e Silvestre Rainha; assembleia geral: Pedro Durana e José da Silva; Comissão revisora de contas: José Francisco Bexiga, Faustino António Pedro e Eduardo Moreira; cobrador da caixa, António Luis, que se ofereceu para fazer a cobrança durante mais 6 meses, sem percentagem, tendo sido aprovado.

A PESCA

Um novo decreto sobre o seu exercício

Pela pasta da Marinha foi ontem publicado o seguinte decreto:

Art. 1.º As concessões de locais para lançamento de armadilhas de sardinha concedidas depois de 8 de Janeiro de 1916, serão declaradas caducas na data em que completarem 10 anos contados a partir do dia em que, ao abrigo das respectivas concessões, tenham efectuado o primeiro lançamento.

§ único Nos despachos a lançar nos requerimentos pedindo renovação de concessão, deverão os chefes dos departamentos atender ao precatado no presente decreto.

Art. 2.º Seis meses antes da data, em que, nos termos do art. anterior as concessões devem ser declaradas caducas, o chefe do departamento respectivo fará a devida comunicação à Direcção Geral da Marinha, e, por intermédio da capitania do porto com jurisdição no local, avisará dessa circunstância o concessionário.

Art. 3.º A Direcção Geral da Marinha, depois de consultar a Comissão Central de Pescarias sobre qual a renda anual que deverá servir de base à licitação para a nova concessão de local, e que será de cinco por cento da média anual do produto bruto da pesca dos últimos cinco anos do mesmo local, submeterá o processo a despacho do ministro da Marinha e comunicará este despacho ao chefe do departamento marítimo.

Art. 4.º O chefe do departamento marítimo logo que tenha conhecimento do despacho ministerial, porá a concessão em prazo segundo o precatado no regulamento da pesca da sardinha de 14 de maio de 1903 e mais legislação em vigor, especificando nos anúncios e editais a data a partir da qual será feita a adjudicação da concessão.

Art. 5.º As arrematações terão lugar 4 meses antes das datas em que as concessões devem ser declaradas caducas.

Art. 6.º Em todo o processo de arrematação e da nova concessão seguir-se-ão as normas e preceitos presentemente em vigor, atendendo-se ao determinado no presente decreto.

Art. 7.º Nas arrematações terá o direito de opção o concessionário cessante quando tenha cumprido todos os preceitos regulamentares em relação à concessão anterior.

§ único O direito de opção consignado neste artigo só poderá ser exercido e mantido quando o concessionário cessante ficar, durante a praça, o maior lance oferecido.

Art. 8.º Os concorrentes aos locais poderão fazer nos Departamentos Marítimos e no acto da arrematação o depósito provisório mencionado no art. 81.º do regulamento geral da pesca da sardinha de 14 de Maio de 1903 e no art. 3.º do decreto n.º 2175 de 8 de Janeiro de 1916, depósitos que lhes serão entregues após a conclusão desta, excepto ao adjudicatário a quem só será entregue quando apresente documento de ter feito na Caixa Geral de Depósitos o depósito definitivo a que se refere o n.º 8 do art. 39.º do regulamento geral da pesca da sardinha de 14 de Maio de 1903.

Art. 9.º A renda por que for adjudicada a concessão dum local, deverá ser paga em quatro prestações trimestrais nos meses de Janeiro, Abril, Julho e Outubro.

§ único O concessionário poderá antecipar o pagamento de quaisquer prestações, pagando simultaneamente uma ou mais prestações.

Art. 10.º Serão imediatamente iniciados os processos de caducidade e de arrematação das concessões que por virtude do disposto no art. 1.º deste decreto devam caducar antes do dia 30 de Junho do corrente ano.

Solidariedade

António Caldeira comunica-nos que lhe foi entregue pelo camarada Luís dos Santos a quantia de 37500 centavos, proveniente de uma subscrição tirada a seu favor nas obras das Encomendas Postais.

A OBRA DOS «GAIOLEIROS»

Mais de 150 pessoas vivendo ao ar livre na Avenida Conde de Valbom

Os «gaioleiros» formam uma praga muito mais perigosa do que a dos galeiros quando invadem uma seara. Cairam sobre Lisboa e aqui destruíram vidas e haveres dos que tiveram a infelicidade de residir nas casas construídas sob a sua direcção.

Mais de uma vez nos fizemos eco da obra destruidora desta praga, tendo ensinado de salientar até onde é perigosa a vida humana esta qualidade de «insectos».

Não é de um desmoronamento que vamos tratar. Das derrocadas falámos há dias e, triste preságio, teremos que falar em breve porque a sua obra não se finiu.

Falaremos agora de um caso de despejo que arremessou para a rua 150 pessoas: mulheres, crianças e velhos.

O caso é assim explicado: O prédio F. R. B. da Avenida Conde de Valbom, onde há dias houve uma explosão que custou a vida a uma criança, pertence ao número dos que foram mandados construir por «gaioleiros», alguns dos quais, por dificuldades financeiras, não os puderam concluir; e pertence a Rafael Rodrigues, que o tinha hipotecado e que, como muitos outros, usou do expediente de o alugar, assim mesmo, pelo sistema de quartos alugados e partes de casa a várias famílias pobres, que lhe pagavam por cada dependência quantias relativamente grandes, das quais o homem se apoiou, não satisfazendo nunca os seus compromissos.

Sucedem, porém, que os credores apelaram para o Tribunal do Comércio e instauraram ao Rodrigues um processo, que, seguindo os seus trâmites legais, devia, num determinado prazo, fazer com que, do edificio, fossem desalojados os seus moradores e a aquele entregue ao Tribunal para ser vendido em hasta pública.

Foi o que sucedeu na passada segunda-feira. Nesse dia, cerca das 13 horas, compareceu ali a autoridade que ordenou o despejo do prédio, que se fez entre protestos e um coro de lamentações dos inquilinos, cujos haveres ficaram estendidos na placa central da referida Avenida, expostos ao vento e à chuva.

Estivemos ontem no local do bivaque auscultando a dor das vítimas. O quadro é chocante, expressivo, perturbador.

Mulheres e crianças choram a sua sorte, lamentam o lógo em que cairam indo residir para o prédio de um indivíduo a contas com a justiça. Não têm onde recolher-se e aos seus haveres. Esperam ali ao relento, tirando de frio, em contacto com a cimbria, a derradeira nora do seu tormento.

Há choros convulsivos que falam por um protesto grande. Há blasfémias que traduzem toda a revolta de que se encontram possuídos.

A tarde, em casa de uma pessoa amiga, foi recolhida uma família composta por pessoas a braços com a tuberculose. Os outros moradores encontram-se ainda no bivaque formado de colchões, enxergas, mesas, velhas e tudo quanto constituía o «menage» daquelas famílias.

Ali se conservarão, quem sabe por quanto tempo, visto que não têm onde recluir-se. E digam-nos agora se esta praga de «gaioleiros» não é muito pior do que a dos galeiros que cai nas searas.

Um brinde

A casa Gimenez-Salinas & C.ª, rua Nova da Trindade, 9, 1.º, enviou-nos 50 folhinhas de carteira para 1927, o que agradecemos.

CONFERÊNCIAS

“Fisiologia do Trabalho”

A comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil, convidou todos os trabalhadores a assistir à 2.ª conferência da série «Fisiologia do Trabalho», que a União Federal Portuguesa vem promovendo na secção que mantém na Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Esta conferência realiza-se, amanhã, na sala da aula, sendo conferente o dr. sr. João Camoeses que escolheu para a sua 2.ª conferência o seguinte tema: «Biotiquia do Trabalho».

A entrada é pública.

“A Prostituição através da História”

Amanhã, pelas 21 horas, na sede da Universidade Livre, praça Luís de Camões, 40, 2.º, o sr. dr. Agostinho Fortes realiza a sua conferência sobre «A Prostituição através da História» e que deve despertar interesse, sendo a primeira da série que a Liga Portuguesa Abolicionista vai promover. A entrada é pública.

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

INSTRUÇÃO

A folha oficial de hoje deve inserir as nomeações dos srs. José Pepe Esteves Carilho, para instrutor provisório de ginástica no liceu de Gil Vicente, e António Maria Robalo Neves, para regente provisório de canto coral no liceu de Faro.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na secretaria da 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 28, 1.º, estão abertas as matrículas todos os dias das 10 às 16 horas e das 19 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrita comercial, podendo inscrever-se nestes cursos, como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

No próximo dia 30 do corrente, realiza esta secção a sua primeira festa nas salas da Academia do Comando Geral de Artelharia, que generosamente foram cedidas e cujo produto revertirá a favor do cofre desta secção.

Entre as prendas para o basar que nos foram graciosamente cedidas, contam-se algumas da Fabrica de Bolachas «A Favorita», da Companhia Industrial Aliança, da Companhia da Borracha, do Poço do Bispo, etc.

A China vulcanizada

Em vésperas de grandes acontecimentos?

XANGAI, 11.—Havendo conhecimento de que se preparam ataques às concessões estrangeiras desta cidade, como sucedeu em Hankow, foram tomadas grandes medidas de precaução. Estão chegando a Xangai, Fanking e Kiukiang grandes reforços das esquadras estrangeiras.

A lei marcial em Xangai

XANGAI, 11.—O conselho municipal publicou uma proclamação decretando a lei marcial.

Uma aparição significativa...

XANGAI, 11.—O almirante sir Reginald Tyrwhitt, comandante da esquadra britânica na China, chegou a este porto, a bordo do Despatch.

... e uma ameaça inquietadora

XANGAI, 11.—O conselho municipal, no qual estão representados a Inglaterra, os Estados Unidos e o Japão, responsável pelo governo em toda a zona internacional de Xangai, com excepção da francesa que se administra separadamente, publicou a seguinte proclamação:

«O conselho não interfere, nem tem interesse oficial, nos partidos políticos. Por esta razão proíbe todas as reuniões de carácter político, bem como quaisquer outras demonstrações ou discursos de propaganda política, dentro da sua jurisdição, ou nas estradas municipais.

O conselho continua a cooperar, como até agora, com a administração chinesa, no interesse da paz e da ordem, empregando a maior energia e todos os seus recursos para garantir as vidas e as propriedades dentro da sua área de protecção.

O conselho suprimirá por todos os meios violentos quaisquer desordens, não hesitando em recorrer aos mais enérgicos que tem à sua disposição, pondo em guarda todas as pessoas contra a actividade dos agitadores profissionais, que só tiram vantagens do país em situações perturbadas.»

Os preparativos norte-americanos

WASHINGTON, 11.—O governo norte-americano ordenou a imediata partida para Xangai do couraçado Pittsburg, que se encontra fundado no porto de Manila (Filipinas).

A NOVELA SOCIAL

Interessante colecção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários.—Preço . . . 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA